

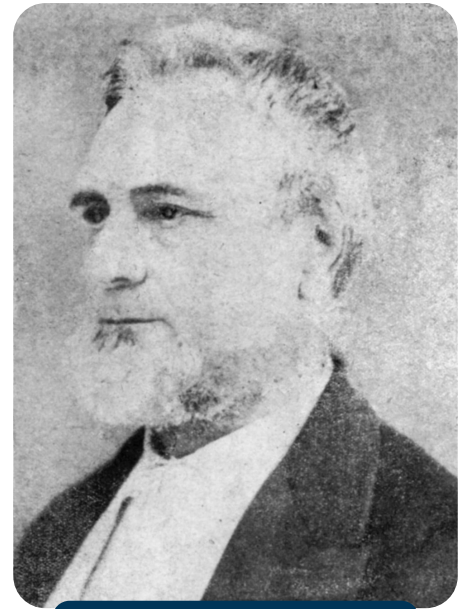


ROMANTISMO NO BRASIL - PROSA

Pela primeira vez na história da literatura brasileira, são publicadas diversas obras em prosa de destaque dentro de uma mesma escola literária. Os romances do Romantismo eram em geral publicados em folhetins, capítulos que vinham periodicamente junto com um jornal ou revista. Os primeiros textos publicados neste formato eram traduções dos romances ingleses e franceses, como *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Na década de 1840 começam a surgir obras brasileiras no formato de folhetim.

Os folhetins se parecem muito com as novelas e séries atuais. Neles, o autor constrói diversos núcleos, ou seja, grupos de personagens que interagem uns com os outros em ações simultâneas às de outros núcleos. Os personagens são planos, sem grande complexidade, e vivem romances, aventuras e, por vezes, se envolvem em mistérios. É comum que cada capítulo acabe com um gancho, deixando o leitor ansioso pelo capítulo seguinte.

Os folhetins apresentavam narrativas maniqueístas, em que o bem sempre vencida o mal. Seus temas eram mais superficiais, evitando conflitos complexos e psicológicos. Mesmo assim, são uma fonte histórica valiosa, uma vez que retratam os costumes do Brasil Império.



Joaquim Manuel de Macedo



D. João VI

Em 1844 é publicado *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, primeiro sucesso no formato de folhetim. A obra trata do amor idealizado com linguagem simples, apesar de focar em personagens da elite brasileira. É notável o uso do discurso direto para apresentar as opiniões dos personagens.

Entre 1852 e 1853 é publicado *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Ao contrário da obra séria e profundamente sentimental de Macedo, este livro tem um tom bem-humorado, ironizando os costumes da época em que o rei D. João VI vive no Brasil. Os personagens são gente simples do Rio de Janeiro, de linguagem informal e atos nada heroicos.



O livro se destaca por fugir do sentimentalismo e escolher focar na vida cotidiana, em especial no “jeitinho brasileiro” e nas relações de troca de favores ou compadrio. Podemos encontrar muita ironia e descrições minuciosas dos personagens e situações ao longo do livro. Devido ao rico registro dos costumes da época, é possível afirmar que Memórias de um Sargento de Milícias é um romance costumbrista que antecipa, espontaneamente, algumas características do realismo literário - motivo pelo qual o livro foi resgatado e muito apreciado pelos modernistas. Leia um trecho a seguir:

“À hora determinada vieram os dois, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua família, segundo haviam tratado: era pouco depois de ave-maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de famílias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, também se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda dele; tropeçava e abalroava nos que encontrava; uma ideia única roía-lhe o miolo; se lhe perguntassem que ideia era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram enfim mais depressa do que supusera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquela noite ter asas nos pés, tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com ele.”

Sem dúvidas, o maior nome na prosa romântica brasileira foi José de Alencar. Advogado e político, envolveu-se em uma polêmica com Gonçalves de Magalhães quando este publicou o poema Confederação dos Tamoios: Alencar criticou, por meio de cartas publicadas em um jornal, a construção rítmica e formal do poema, além da maneira artificial como o índio, seus costumes e a natureza brasileira foram retratados. Alencar, então, decidiu escrever suas próprias obras indianistas - e, ao contrário dos poetas indianistas, Alencar retratava em suas obras o colonizador europeu de maneira idealizada, com simpatia.

As principais obras indianistas e históricas de José de Alencar são Iracema e O Guarani. Ambos apresentam ricas descrições da natureza brasileira, um romance entre indígenas e europeus e bastante aventura. Tanto Iracema quanto Peri de O Guarani são nativos honrados e virtuosos, personagens tão idealizados quanto a natureza que os cerca. Neste ponto, Alencar se espelha nas obras europeias sobre cavaleiros medievais para imprimir um aspecto de nobreza em seus personagens indígenas, que são verdadeiros “bons selvagens”, puros e dóceis. Perceba a idealização presente na descrição de Iracema:



Jose de Alencar

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

